

Resumo

Este artigo visa elucidar a trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa através de dois contextos específicos. O primeiro é a sua relação com o Museu Casa de Rui Barbosa, referente à sua posição de domesticidade e vinculação ao lar, sua relevância para facilitar a criação da instituição e sua vinculação com os ambientes do museu. O segundo analisa duas publicações que biografam a vida de Rui Barbosa e, conseqüentemente, comentam sobre a vida de Maria Augusta. O comparativo das biografias permite perceber diferenças na interpretação de quem Maria Augusta foi, e principalmente, como ela foi (des)contextualizada em prol do desenvolvimento do tipo de mulher que se espera de um homem público como Rui Barbosa.

Palavras-chave

trajetória; Maria Augusta Rui Barbosa; Museu Casa de Rui Barbosa; domesticidade.

Abstract

This article pursuit to elucidate the trajectory of Maria Augusta Rui Barbosa through two specific contexts. The first is related with the Rui Barbosa Historic House Museum, referring to the position of domesticity and connection with the home, its relevance to facilitate the creation of the institution and its connection with the museum environments. The second analyzes two publications that biography Rui Barbosa's life and, consequently, comment about the life of Maria Augusta. The comparison of biographies allows us to see differences in the interpretation of who Maria Augusta was, and especially, how she was (de)contextualized in favor of the development of the type of woman expected from a public man like Rui Barbosa.

Keywords

trajectory; Maria Augusta Rui Barbosa; Rui Barbosa Historic House Museum; domesticity.

Introdução

Historicamente sabe-se que “as esposas geralmente têm sido a metade não contada da história” (WAGMAN-GELLER, 2015: 2, tradução nossa) e que “a vida pública e a vida privada são indivisíveis” (WAGMAN-GELLER, 2015: 2, tradução nossa) por isso, conhecer a vida de Maria Augusta Viana Bandeira (1855 – 1948), conhecida por seu nome após o casamento com Rui Barbosa (1849 – 1923) – Maria Augusta Rui Barbosa, é relevante para compreendê-la como uma mulher de seu tempo. Maria Augusta foi figura importante na criação do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e na composição do acervo do museu. A casa onde atualmente está o MCRB foi comprada em 1924 pelo governo. Já o

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Especialista em Museologia pela Universidade Cândido Mendes. Bacharela em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3 Pós-doutoramento em História das ciências na University of Louisiana com apoio da FAPESP, do Museu Etnográfico da Universidad de Buenos Aires e da Rockefeller Foundation. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Livre-Docência em História das Ciências pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Geologia pela Universidade de São Paulo. Bolsista PQ I-C do CNPq.

museu foi criado através do Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927, que *Crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento* e inaugurado em 13 de agosto de 1930, com a presença de Maria Augusta, do então presidente Washington Luís e outros convidados. Ressalta-se aqui que o MCRB não é um museu dedicado a Maria Augusta, não se pretende ser e provavelmente não será, sua missão – de salvaguarda da memória de Rui Barbosa – é bem estabelecida e bem realizada.

Porém, como parte constituinte da vida do patrono, Maria Augusta foi parcamente estudada, e tal situação não é exclusividade do MCRB. Segundo Gaby Potter (1990):

Como grande parte do trabalho das mulheres está fora da atividade principal, é mais trabalhosa do que intensiva em capital e depende de ferramentas relativamente indiferenciadas, o museu tem muito mais probabilidade de ‘perder’ material referente ao trabalho das mulheres do que dos homens (POTTER, 1990, tradução nossa)⁴.

Em suma, entende-se que, naturalmente, as coleções de mulheres são esquecidas e inferiorizadas nas instituições museológicas. Gaby Potter afirma que parte da problemática dessa situação está no modo como se enxergam as coleções, afirmando que os profissionais que trabalham nos museus – em específico os curadores – “usam os objetos como reflexos puros do mundo, apresentando o passado de forma simples e inequívoca. Eles não abordam as lacunas e omissões nas coleções de museus e na cultura material” (POTTER, 1990, tradução nossa)⁵.

Contextos de Maria Augusta: o Museu Casa de Rui Barbosa

O museu-casa, classificação onde o MCRB é encaixado, “possui características singulares, na medida em que a casa musealizada guarda uma relação direta com o personagem que a habitava e ambas são partes constituintes do acervo a ser trabalhado” (RANGEL, 2015: 59). Maria Augusta pertencia ao lar. Embora as recepções aconteçam nesses ambientes informais onde conversas fundamentais acontecem, acordos são realizados e grandes decisões são tomadas, esses locais de sociabilidade são submetidos a uma certa secundarização em detrimento da vida pública. Ademais, “dizer que as mulheres falam da família e os homens, de outras coisas, aparece quase como um lugar comum” (KOFES; PISCITELLI, 2011: 348) nesses contextos. As 22 salas foram denominadas pelo então presidente Washington Luís, já que, como presidente na época, ele foi responsável pela abertura do MCRB e são relacionadas a três aspectos da vida do patrono, sendo estes o político, o jurista e o familiar (RANGEL; ALMEIDA, 2017: 7): Sala Maria Augusta, Sala João Barbosa e Sala Bahia são relacionados ao aspecto familiar. O político é composto pelas Sala Questão Religiosa, Sala de Haia, Sala Habeas-Corpus, Sala Pró-aliados, Sala Federação, Sala Buenos Aires, Sala Civilista, Sala Constituição, Sala Abolição, Sala Estado de Sítio, Sala da Instrução Pública e Sala Queda do Império. A Sala Casamento Civil, Sala Código Civil e Sala Dreyfus compõem a conformação jurídica (RANGEL; ALMEIDA, 2017: 7). A casa ainda possui dois banheiros, Copa e Cozinha sendo esses cômodos considerados como parte do museu, mas não nomeados. Sobre a divisão dos espaços e o local dedicado a Maria Augusta, sabe-se que

4 Disponível em: <<https://www.mcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/3.1/Porter.html>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

5 Disponível em: <<https://www.mcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/3.1/Porter.html>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

[...] apesar de a casa destinar-se ao reino da mulher, o espaço maior foi literalmente dedicado ao homem. Pela primeira vez, ela teve uma sala para si mesma, a denominada sala da senhora, mas o marido ganhou o bilhar, o fumoir, a biblioteca e até a sala de armas, além de ter preservado o seu gabinete, sempre na frente da casa, com entrada independente (HOMEM, 1996: 248).

Sobre a escolha dos nomes das salas, uma matéria do *Jornal do Comercio (RJ)* de 13 de agosto de 1930, denominada “Casa Ruy Barbosa: sua inauguração solenne, hoje, a’ tarde”, realiza uma visita, parcialmente guiada por Antônio Joaquim da Costa, ex-funcionário de Rui Barbosa, ex-zelador e ex-porteiro-conservador do Museu Casa de Rui Barbosa, chamado na matéria como “conservador do Museu”, onde são localizadas e descritas algumas das salas. O tour é ordenado de acordo com a disposição das salas no dia da abertura, a partir da entrada principal, listando apenas os locais nomeados, excluindo assim o banheiro do primeiro andar, o banheiro, a copa e a cozinha no segundo andar. A ordenação das salas permanece a mesma, e podem ser vistas na Figura 1.

Além dessa reportagem do jornal, o MCRB possui uma bolsa de pesquisa denominada “Desenvolvimento de metodologia para catalogação dos ambientes de um museu-casa, compreendidos como objetos museológicos”, executada por Álea Santos de Almeida e orientada por Aparecida Marina de Souza Rangel. Esse estudo aprofundará a questão das nomenclaturas de ambientes, porém esses nomes serão brevemente contextualizados a seguir. Cabe ressaltar que algumas salas, por motivo desconhecido, não foram visitadas pelo jornalista, e, adequando-se a disposição dos ambientes, algumas delas serão descritas através das investigações realizadas na já citada bolsa de pesquisa designada como “Desenvolvimento de metodologia para catalogação dos ambientes de um museu-casa, compreendidos como objetos museológicos”. No primeiro andar a esquerda está a Sala de Haia, onde estão os móveis usados por Rui Barbosa em Haia e trouxe para o Rio de Janeiro. Essa mobília é composta por

[...] uma secretária e uma estante, alta, repleta de livros. Um grande arquivo, collocado a um canto, e aquelles moveis enchem o aposento. Pelas paredes, quadros com aspectos de Conferencia de 1907, na capital da Hollanda, e retratos de Ruy Barbosa, na época (JORNAL DO COMMERCIO, 1930: 5).

O Salão da Constituição é o próximo ambiente. Naquele momento, ainda chamava-se “Salão da Biblioteca”, mas o jornalista é informado por Antônio Joaquim da Costa que o nome será trocado para Salão da Constituição “pois ali se encontra a secretaria em que Ruy Barbosa escreveu a Constituição de 24 de Fevereiro” (JORNAL DO COMMERCIO, 1930: 5). A Sala Casamento Civil que “faz referência à atuação de Rui Barbosa para a obrigatoriedade do casamento civil” (ALMEIDA; RANGEL, 2019: 28) e em seguida a Sala Código Civil é a próxima à direita, e foi “usada por ele na revisão do Código Civil brasileiro” (ALMEIDA; RANGEL, 2019: 27).

O gabinete em estilo gótico de Rui Barbosa foi denominado como Sala Civilista. Nessa sala ele “escreveu toda a campanha civilista de 1909 e 1910” (JORNAL DO COMMERCIO, 1930: 5). A antiga sala de música, onde está o piano de Maria Augusta, foi denominada como Sala Buenos Aires em homenagem a viagem de Rui Barbosa à Argentina em 1916. O antigo salão de festas e recepções recebeu o nome de Sala da Federação:

Lembra a campanha de Rui pela maior autonomia das províncias do Império. No congresso do Partido Liberal, em 1º de maio de 1889, Rui apresentou proposta de uma Monarquia Federativa, proposta não aceita, o que motivou sua recusa à pasta do Império oferecida pelo primeiro-ministro, Visconde de Ouro Preto (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020)⁶.

Figura 1: Planta baixa do primeiro andar e do sobrado



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa/Visita virtual ao museu, 2020.

A imagem representa a posição das salas do MCRB separadas em quatro setores, divididos por cores: azul para a área íntima, vermelho para a área social, verde para área de trabalho e amarelo escuro para área de serviço. A imagem foi legendada com a seguinte ordenação: 1 – Haia; * – Não citado: Banheiro; 2 – Constituição; 3 – Casamento Civil; 4 – Código Civil; 5 – Civilista; 6 – Buenos Aires; 7 – Federação; 8 – Pró-Aliados; 9 – Maria Augusta; 10 – Habeas Corpus; # – Não citado: Corredor Ruiano; 11 – João Barbosa; 12 – Bahia; 13 – Questão Religiosa; ** – Não citado: Copa; *** – Não citado: Banheiro; **** – Não citado: Refeitório; 14 – Queda do Império; 15 – Dreyfus; ### – Não citado: Cozinha; 16 – Abolição; 17 – Estado de Sítio; 18 – Instrução pública.

É interessante notar que, dois ambientes onde Maria Augusta exercia certo poder – A Sala Buenos Aires, onde ficava o piano que ela tocava, e a Sala Federação, onde aconteciam as recepções e festas – foram designados com nomes que inviabilizam toda a atuação dela. Ou seja, Maria Augusta foi apagada desses espaços. A “Sala Pro-Aliados”, relembra a “campanha de Ruy pela entrada do Brasil na guerra de 1914 (JORNAL DO COMMERCIO, 1930: 5). E a Sala Maria Augusta era o quarto de vestir de Maria Augusta. Nesse ambiente estão localizados alguns itens como a mesa de escrever em madeira castanho claro, a penteadeira em madeira castanho claro, o retrato em pastel de D. Maria Augusta Rui Barbosa assinado por Gustave Brisgand (1922) e o leque em marfim e plumas de avestruz, que está acondicionado em uma estante de madeira e vidro, visível para o público. Esse objeto está nas mãos de Maria Augusta no quadro de Brisgand. Já a Sala Habeas Corpus era o quarto do casal e recebeu esse nome por conta da

[...] atuação do advogado Rui Barbosa ao impetrar, em 1892, junto ao Supremo Tribunal Federal da República, o primeiro habeas-corpus sobre matéria política em favor dos militares, poetas, jornalistas e membros do Congresso, então reformados, demitidos e desterrados pelo governo de Floriano Peixoto (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020)⁷.

6 Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=205&ID_M=209>. Acesso em: 27 jun. 2020.

7 Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=207&ID_M=198>. Acesso em: 27

Após um lance de escada, a visita continua pelo salão íntimo, que recebeu o nome de Sala João Barbosa, homenagem ao pai de Rui Barbosa. Os salões de jantar e almoço receberam, respectivamente, os nomes de Sala Bahia e Sala Questão Religiosa. A primeira reverencia o local de nascimento de Rui Barbosa. A segunda homenageia um dos interesses de discussão e diálogo de Rui Barbosa como jornalista. “Nas páginas do Diário da Bahia defendeu a liberdade de crença e lançou as sementes da separação da Igreja do Estado, que se transformaram em lei durante a sua gestão no Ministério da Fazenda” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020)⁸. Em seguida, a Sala Queda do Império recebeu esse nome para lembrar “o trabalho de Rui Barbosa no jornal Diário de Notícias em 1889, quando produziu uma série de artigos críticos à monarquia” (ALMEIDA; RANGEL, 2019: 33) e a Sala Dreyfus, utilizada como Reserva Técnica do acervo museológico, “lembra a defesa de Rui Barbosa, por meio de textos publicados em jornal, do oficial francês de origem judaica Alfred Dreyfus, acusado e condenado por alta traição” (ALMEIDA; RANGEL, 2019: 23).

O sobrado da residência – atualmente fechado ao público – é composto por três ambientes denominados como Sala Abolição, Sala Estado de Sítio e Sala Instrução Pública. A primeira, homenageia o trabalho de Rui Barbosa na luta contra a escravidão no Brasil. A segunda faz referência aos estudos de Rui Barbosa sobre a temática e a terceira e última relaciona-se com “a atuação de Rui Barbosa como deputado, quando foi relator da Comissão de Instrução Pública e apresentou pareceres sobre as reformas dos ensinos primário, secundário e superior” (ALMEIDA; RANGEL, 2019: 23). Com relação a construção dos ambientes da casa, fica evidente que

o doméstico se tornou um local importante para a exibição e o desempenho de qualidades familiares, como a respeitabilidade. As representações ficcionais e artísticas mapeavam a interioridade do eu para o interior da casa, mas era igualmente necessário manter o interior doméstico como (paradoxalmente) uma fachada, que mostrava apenas qualidades socialmente desejáveis ao mundo (HILL, 2011: 205).

Percebe-se que, prioritariamente, a vida política e jurídica ganha mais destaque. Tal questão não é um problema, já que o destaque de Rui Barbosa se deve a sua carreira, porém, os estudos sobre Maria Augusta foram pouco aprofundados, e sentia-se que a temática sobre ela e os acervos relacionados a matriarca estavam esgotados. Não se planeja aqui realizar uma biografia de Maria Augusta Rui Barbosa e desconsiderar o que já foi pesquisado sobre ela, mas sim, reviver e repensar o que já foi dito, oferecer novas visões e construir aspectos de sua trajetória. Porém, é importante lembrar que Maria Augusta Rui Barbosa sempre esteve à sombra de Rui Barbosa, mesmos nos contextos onde poderia ter sido destacada pela historiografia: na composição de uma família adequada aos moldes sociais da época e na constituição do MCRB enquanto instituição.

jun. 2020.

⁸ Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=207&ID_M=199>. Acesso em: 27 jun. 2020.

Maria Augusta Rui Barbosa: trajetória e descobertas

Antes de contextualizar Maria Augusta Rui Barbosa e sua trajetória – bem como sua ação patrimonial na criação institucional do MCRB, cabe compreender sua posição de classe e social: Maria Augusta ainda era uma mulher privilegiada. Por mais que os núcleos Viana Bandeira / Ferreira Bandeira⁹ da família a qual pertencia fossem considerados ‘pobres’, ainda possuíam nomes poderosos. E com isso, coube a matriarca “a participação na difícil construção da imagem social da família de um advogado que passou por um processo de ascensão social vertiginoso através do trabalho e do esforço pessoal” (SILVEIRA, 2016: 140). Pode-se dizer que após o casamento com Rui Barbosa e com seu apoio na construção de uma imagem adequada às exigências sociais da aristocracia, Maria Augusta tornou-se uma mulher burguesa de classe média, e, após o falecimento de seu marido, vende sua casa – que posteriormente se tornou o MCRB – para o “governo federal e se muda para a rua Raimundo Correa, 77, em Copacabana, onde permanece até o seu falecimento em 27/04/1948” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2018: 24). Essa residência em Copacabana era bem mais modesta do que a suntuosa residência onde atualmente está o MCRB.

Sem sua educação aristocrática e sua reconhecida performance como senhora e anfitriã de “alta sociedade”, Rui não teria podido sustentar um salão e mesmo uma vida mundana respeitável para as rígidas exigências de seus círculos. Cumpre aqui lembrar que “Cota” (como a chamava intimamente) desde jovem era reconhecida na Bahia por sua elegância, mantida a despeito da notória decadência econômica de sua antiga e aristocrática família, os Viana Bandeira. (GONÇALVES, 1999: 43).

Dito isto, o que se desenha sobre Maria Augusta é a situação de uma mulher vinculada a domesticidade, à administração da casa e da vida pessoal, desempenhando um papel primordial para o desenvolvimento de relações públicas nos círculos de alta classe social. Sabe-se que o trabalho doméstico é executado por mulheres (SAFFIOTI, 1978). Entretanto, o trabalho também doméstico performado por Maria Augusta seria de outra ordem, diferenciando desse entendimento consolidado. Tratava-se de um trabalho que permitia visibilidade, reconhecimento, bons contatos e oportunidades para a família, alcançando assim o modelo de um casal burguês.

A colocação das mulheres como gestoras da família trouxe consigo uma elaboração de tarefas domésticas, que exigiam o emprego de empregadas domésticas, que normalmente eram elas mesmas jovens imigrantes. (CHRISTENSEN, 2011: 160).

Como bem já lembrou Gilda de Mello e Souza, em sua obra clássica *O espírito das roupas: a nova moda do século dezenove*, referencial para essa pesquisa “O encanto feminino e a determinação masculina não se excluem mutuamente: na verdade, são parcelas que se somam na contabilidade astuciosa da ascensão” (SOUZA, 1987: 83).

9 Segundo Luiz Viana Filho, biógrafo de Rui Barbosa “Maria Augusta, filha de modesto funcionário público, Alfredo Ferreira Bandeira, pertencia à velha família baiana dos Ferreira Bandeira” (1943, p. 42), porém, de acordo com a afirmação já citada de João Felipe Ferreira Gonçalves, a origem aristocrática advém dos Viana Bandeira (1999, p. 43). Serão citados então os dois nomes familiares, com o intuito de noticiar as duas possibilidades.

Ainda sobre o desempenho social da matriarca e sua visibilidade, a edição de sábado, 23 de junho de 1917, da Revista *O Careta*, na seção *Bric-a-brac*, assinada por Leal de Souza, cita Maria Augusta de forma lisonjeira. Denominado como “O governo feminino”, o conteúdo publicado versa sobre os direitos das mulheres ao voto, e a apresentação do projeto de lei sobre o assunto através do deputado Maurício de Lacerda. O jornal *A Notícia* então, colheu opiniões de algumas mulheres sobre o assunto. Leal de Souza afirma que

[...] algumas das vozes reflectoras dessa opinião demonstram que ainda há no Brasil senhoras imbuidas da sua nobre missão exclusiva de mães de família, e todas, salvo a necessaria excepção confirmadora da regra, comprovam que as brasileiras, - com vantagem sobre os eleitores analfabetos como sobre os eleitos corruptos, - estão moral e intellectualmente aptas para o arduo desempenho dos direitos e deveres publicos (SOUZA, 1917: 10)

Gaby Coelho Netto, uma das consultadas pelo *A Notícia*, diz que gostaria de ver um governo formado por mulheres antes de emitir uma opinião definitiva. Segundo Leal de Souza, “um grupo floral de moças bonitas” (SOUZA, 1917: 10) propõe um governo formado por mulheres. Nessa gestão, Maria Augusta Rui Barbosa foi escolhida como presidente:

A sra. Maria Augusta Ruy Barbosa, de quem, com inteira justiça, o sr. Pinheiro Machado costumava dizer: “não sei o que mais admire, se a cabeça do marido, se o coração da esposa,” foi unanimamente indicada para a suprema investidura presidencial (SOUZA, 1917: 10).

Outras mulheres de projeção nacional e reconhecidas intelectuais, tais como a Laurita de Lacerda, Julia Lopes de Almeida, Nicola de Teffé, Violeta Odette, Laura da Fonseca e Silva, Georgina de Albuquerque, dentre tantas outras. Obviamente, essa proposta de governo feminino não aconteceu, mas é interessante notar a projeção de Maria Augusta e o seu reconhecimento como uma mulher capacitada para exercer a função presidencial.

É importante também localizar e compreender o período em que a matéria foi escrita. Em 1917 os direitos femininos eram poucos e estavam em disputa, a missão da mulher era encabeçar a família, estar no lar, e mais do que uma missão, era uma obrigação inata, indiscutível. Compreendendo tal situação, a coluna é excepcionalmente progressista, mas também, carregada de sexismos comuns ao período – e até a atualidade – como denominar as responsáveis pela listagem como “grupo floral de moças bonitas” e destacar o bom coração de Maria Augusta, em detrimento de destacar sua capacidade de gestão, inteligência ou estudo.

Todavia, na trajetória escrita sobre Maria Augusta, esse tipo de conteúdo progressista e ao mesmo tempo sexista estará presente, localizando sua história em um cenário acinzentado, que precisa ser cuidadosamente analisado para que não se perca de vista o que é contundente nas histórias contadas.

Uma questão de gênero: não querer existir x não querer que exista

Segundo Jane Glaser (1991), em texto que trata o impacto das mulheres nos ambientes museológicos, “os museus americanos ignoraram esse movimento feminista desde o seu início” (p. 180, tradução nossa), e é possível notar tal situação no MCRB e possivelmente em muitos museus brasileiros. Mesmo com

museólogas e pesquisadoras em seu quadro de servidores, os estudos sobre Maria Augusta Rui Barbosa não foram aprofundados, sendo apenas pensados a partir de 2014, com a ampliação da equipe do MCRB.

Ainda segundo Glaser (1991), “as mulheres dos e nos museus têm opções que variam desde permanecer silenciosamente explorada até criar espaços no museu por conta própria” (p. 182, tradução nossa). Nessa nova fase do MCRB, em que se optou por romper esse silêncio e fomentar uma pesquisa relacionada com a principal responsável pela criação e ensejo do MCRB, visando a manutenção da memória de Rui Barbosa, alguém que Maria Augusta considerava merecer tal espaço na história. E aqui ela será estudada através de seus objetos – em especial por meio do seu vestido de seda, presente no acervo do MCRB.

É contundente potencializar tal investigação considerando que a matriarca da família pode ter escolhido uma ‘posição silenciosa’, porém cabe questionar se essa situação foi realmente uma escolha dela ou um apagamento ‘natural’. Não é possível cravar uma resposta para essa questão, já que, até o presente momento, nenhum registro público ou privado escrito por ela ou por outras pessoas sobre o assunto foi localizado. Independente desse desenlace, através das pesquisas fomentadas sobre ela desde 2016, sabe-se que a imagem pública de Maria Augusta Rui Barbosa, divulgada e sublinhada pela FCRB apresenta disparidades com opiniões de pessoas que conviveram e escreveram sobre Rui Barbosa e sua família.

Para empreender uma análise sobre a imagem de Maria Augusta anteriormente vinculada e atualmente estudada, é válido considerar alguns pontos. Primeiramente, a intenção não é, de forma alguma, desconsiderar qualquer pesquisa realizada no passado pela FCRB. Toda produção advinda da instituição é de importância ímpar para a realização dessa investigação. Busca-se sim revisitar o que já foi apreendido. É categórico também respeitar as questões do tempo e o período ao qual o pesquisador pertenceu, evitando descontextualizar sua escrita e principalmente, sendo complacente com o que é entendido em suas vivências.

Comparando então a publicação da pesquisadora do Setor Ruiano do Centro de Pesquisa da FCRB, Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães, *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta* (2013) com uma de suas fontes de pesquisa, o livro *A vida de Rui Barbosa* (1943) do biógrafo de Rui, Luiz Viana Filho, observa-se que interpretações se confundem com informações extraídas da publicação, de forma que os dados de memória de Viana Filho aparecem distorcidos, fazendo-se necessário retomar a fonte para seguir adiante. É claro que cada pesquisador possui uma forma de realizar, produzir e argumentar sobre o que investiga, e tal ponto não pode ser desconsiderado. O que será explicitado perpassa pelo que é entendido dos dois autores, comparando suas perspectivas.

Antes de nos aprofundarmos nesse ponto, o capítulo “Maria Augusta, a companheira”, único dedicado à ela e presente na publicação de Magalhães (2013), possui quatro páginas e já delega no título a função de companheira a Maria Augusta. Importante considerar que o livro trata sobre a vida de Rui Barbosa em sua residência – a Villa Maria Augusta – e por isso é direcionado também ao âmbito privado, razão porque consideramos que a vida de sua esposa poderia ter sido mais explorada, posto que “a vida pública e a vida privada são indivisíveis” (WAGMAN-GELLER, 2015: 2), mas não foi exatamente o objetivo da publicação, sendo tal opção compreensível em seu contexto.

Partindo para a argumentação comparativa citada, após cinco linhas de conteúdo biográfico sobre nascimento, falecimento e parentescos de Maria Au-

gusta, os seus atributos físicos começam a ser descritos por Magalhães (2013) “mais alta que Rui, extremamente atraente, tinha um porte esguio, um andar gracioso e altivo, uma atitude quase irritante, se bem que natural, que lhe dava um ar de grande dama” (p. 71) e continua ainda com uma citação sobre “os cabelos ondulados, o nariz perfeito, boca bem talhada, dentes pequenos e alvos” (PEREIRA, 1949: 36 apud MAGALHÃES, 2013: 71). Viana Filho (1943) afirma que ela “possuía um porte esguio, andar gracioso e altivo, cabeça em posição garbosa, a sua atitude poderia ser irritante, mas nela era natural, dando-lhe um ar de grande dama (p. 42). O autor apresenta-se menos preocupado em destacar apenas a beleza física de Maria Augusta – fortemente supracitada por Magalhães (2013) – mas sim o quanto seu comportamento e personalidade, independentemente de sua condição financeira, transformavam-na em uma grande dama. Tomando nota do livro de Viana Filho, Rejane Magalhães (2013) faz a seguinte citação:

Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes de Salvador; sobretudo era muito chique. [Ela e sua irmã Adelaide] formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prendas, promoviam diversões adequadas aos salões e em roda delas logo se formava um círculo de admiradores (MAGALHÃES, 2013: 71).

A edição consultada por Rejane Magalhães (2013) é de 1977. Nesta pesquisa, optamos por usar como fonte a edição de 1943. Com isso, a paginação das citações comparadas será diferente, porém, é difícil conceber que o conteúdo possa ter sido modificado. Na edição de 1943, as citações estão configuradas da seguinte maneira:

[Maria Augusta e sua irmã mais velha, Adelaide] formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prenda, promoviam diversões adequadas aos salões, e em roda delas logo se formavam um círculo de admiradores (VIANA, 1943: 41).

[Os Ferreira Bandeira] com o tempo conseguiram também títulos de nobreza, pois a prosperidade alcançada nos engenhos de açúcar, base econômica da região, era bastante para trazer aos felizes proprietários disputados brasões, que logo faziam gravas nas louças e nas librés dos pajens. Contudo, nem todos os Ferreira Bandeira atingiram a abastança. E a família, por esses motivos econômicos, dividira-se em dois ramos: os ricos e os pobres. Isso era suficiente para distinguir e separar. O pai de Maria Augusta figurava entre os últimos. Ela, porém, não se julgava menos feliz por isso. Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes da cidade; supria da melhor maneira as deficiências financeiras. Sobretudo, era muito ‘chic’ (VIANA, 1943: 42).

Em suma, o primeiro trecho do biógrafo de Rui Barbosa exalta a alegria e animação de Maria Augusta e sua irmã Adelaide, bem com sua boa performance social. É válido lembrar que Maria Augusta dispunha-se – talvez por vontade, talvez por não ter opção, essa questão não está esclarecida ainda – a operar os papéis esperados pelas mulheres de seu tempo, tal situação é vista em sua performance elegante em sua aptidão com o trato de suas roupas.

O segundo, apresenta a situação financeira de sua família, condição que não interferiu em sua criatividade, no seu estilo e no jeito como era tratada nos ambientes sociais. Já a citação de Rejane Magalhães (2013) apresenta uma Maria Augusta mais simplória, semelhante a um ornamento festivo, sem destacar, do texto de Viana Filho, justamente os traços de sua personalidade. Viana Filho ain-

da comenta outro momento interessante, “no baile na casa de Pereira Marinho, milionário casado com Helena Marinho, Maria Augusta foi proclamada a mais bem vestida” (VIANA, 1943: 42):

Todas deviam apresentar-se com trajes feitos de chita, e havia prêmios para as que se distinguem. A vitória, tão desejada entre as senhoras, foi motivo de inveja, e várias delas não compreendiam como pudera caber a uma pessoa pobre. Mas em verdade, nenhuma tinha o *donaire* de Maria Augusta (VIANA, 1943: 42).

Pode-se notar então que Maria Augusta foi uma mulher com estilo, performance e criatividade suficiente para destacar-se socialmente. Um dos trechos mais divergentes entre as publicações é relacionado a adaptação de Maria Augusta a seu marido. Rejane Magalhães afirma que:

Para alguns, talvez, Maria Augusta não fosse a mulher ideal para um intelectual, mas ela tinha o senso da realidade e ajustou-se admiravelmente ao marido. Tratava-o sempre com muito carinho, chamando-o “meu filho”. Admirava o talento e a força de vontade do marido. Luís Viana Filho afirma que se enganavam aqueles que, vendo-a altaneira e bela, acreditavam na sua influência sobre as deliberações do marido. Na verdade, ela contribuía para determinadas resoluções, sobretudo na vida particular, mas era ele sozinho que tomava seus próprios rumos (MAGALHÃES, 2013: 72).

A autora cita dois livros de Luís Viana Filho em suas referências *A Vida de Rui Barbosa* e *Rui e os gaúchos*, porém não foi possível localizar tais informações nas edições comentadas. Na publicação do autor, o discurso é diferente, ponderando que, “embora senhoras invejosas dissessem às vezes não ser ela a mulher ideal para um intelectual, a verdade era bem diversa. Maria Augusta ajustava-se admiravelmente ao noivo, e confiava poder conduzi-lo a vitória” (VIANA, 1943: 44).

Como acontece em geral com as mulheres, Maria Augusta possuía o senso da realidade. Causa importante na companhia de um idealista, sempre mais preocupado em ler e coordenar doutrinas políticas, do que encarar a vida tal qual é. Ela admirava o talento e a força de vontade de seu noivo, mas julgava-o incapaz da audácia de uma decisão. E rapidamente, compreendendo a necessidade de ir primir rumo inteiramente novo à existência de Rui, resolveu agir, *Audaces firtunar juvat*¹⁰ ... Contudo, a primeira condição seria sair da Baía, pois, pensava, a Província jamais passaria dum campo de combates estéreis, de pequenos ódios e discussões com o tio Luiz Antônio, sempre pronto a usar o seu prestígio para colocar obstáculos no caminho do sobrinho.

Não tardou que Rui também se convencesse da necessidade de emigrar. Devia procurar na Corte a oportunidade, que até então lhe fugira teimosamente. Na Capital, reuniram-se os grandes chefes do partido, publicavam-se os maiores jornais, agitavam-se as questões mais importantes, e funcionava o parlamento com os debates, que dividiram a opinião do país. Também o centro dos liberais estava aí: o Clube da Reforma, onde os correligionários ouviam com emoção as palavras de Zacarias, Nabuco, Francisco Otaviano e Silveira Martins. Ele também poderia conviver neste círculo. Caminharia ao encontro desse grande público, ou melhor, Maria Augusta empurrava-o para o grande público (VIANA, 1943: 44).

Como é possível notar, uma distorção ao citar a obra de referência, leva o leitor à percepção de Maria Augusta, como uma mulher que não era inteligente o suficiente para Rui Barbosa, além de não apresentar relevância nas decisões de seu marido, o que não encontra respaldo nas próprias fontes, posto que,

10 Termo em latim que significa “A fortuna favorece os fortes” ou “A fortuna favorece os corajosos”.

como já comentado por Viana (1943: 44) e citado acima, partiu dela a iniciativa de sair da Bahia para residir na capital da época - Rio de Janeiro, e em entrevista, Maria Adélia, filha do casal, comenta que o pai “teria certamente recusado o convite para representar o Brasil em Haia, não fosse a insistência de minha mãe” (BARBOSA, 1968: 33). Já Viana Filho afirma o *ajuste* de Maria Augusta como uma mulher que compreendeu as falhas e defeitos de seu marido e o auxiliou, com o objetivo de conduzi-lo à vitória. Em suma, Maria Augusta demonstrou-se forte e de decisões estratégicas.

A discrepância de análise dos dados de memória em uma das fontes usadas por Magalhães (2013) pode ser uma chave para compreender as distorções de citação. Foi extraída de uma entrevista do então diretor da FCRB, Américo Jacobina Lacombe, a imagem de um Rui Barbosa vigoroso e feroz *versus* uma Maria Augusta que o domava pela doçura:

Tobias Monteiro, secretário de Rui quando este foi ministro da Fazenda, contou como era o seu “temperamento, o seu gênio, quando ele disparava. Era uma verdadeira fera, um tigre. Quando ele ficava zangado era uma coisa horrorosa. Vocês não fazem ideia do que era a fera sem a domadora”¹¹. Trancava-se no quarto e não queria receber ninguém, até que Maria Augusta decidia resolver o caso: batia na porta chamando-o “meu bem, meu bem”, ele abria, ela entrava e “a crise se resolvia”. Ele a respeitava, era muito educado; jamais permaneceu de chapéu na cabeça na presença da esposa, e “não fazia nada que contrariasse frontalmente a vontade dela”¹² (MAGALHÃES, 2013: 72 e 73).

Essa imagem pintada de Rui Barbosa como um leão a ser domado por Maria Augusta contrasta com um diálogo comentado por seu neto, João Valentim Rui Barbosa (Boy), em depoimento para o “Projeto Memória de Rui”¹³ em 1979:

Maria Augusta: ‘O que é que há Rui, porque você está tão triste?’.
Rui Barbosa: ‘Porque, Cotinha, eu nem sei porque você se casou comigo. Eu sou pequenininho, não sou rapaz bonito, forte’.
Maria Augusta: ‘Ora, não diga isso eu me apaixonei por você logo que eu te vi’.
Rui Barbosa: ‘Você gosta mesmo de mim?’.
Maria Augusta: ‘É claro que eu te adoro!’.
Rui Barbosa: ‘Então, vou te contar uma coisa: eu estava no congresso e estava defendendo uma causa, um assunto muito importante, e era sempre interpelado por um dos senadores e tinha que sair do assunto para responder. Levava tempo cada vez que eu saía do assunto porque já distraía a conversa. Levava 10, 15 minutos’.
Maria Augusta: ‘E você não respondeu a ele, não mostrou a ele?’
Rui Barbosa: ‘Mostrei, mas você sabe de uma coisa, Cotinha, se eu fosse um rapaz alto, forte e bonito eu dava um soco na cara dele!’ (RUY BARBOSA, 1979)

Humanizar o retrato de Rui Barbosa e conhecê-lo como alguém além de um ícone é relevante não apenas para aproximar essa figura do público, mas para remover a imagem de Maria Augusta como um não-alguém. Ao eleger como verdade o ponto de vista de uma dentre suas fontes, Magalhães (2013) contamina as demais citações e continuamente transporta a imagem de Rui Barbosa para um local másculo, de virilidade, adequando tal visão ao que se espera de um ídolo. Em publicações diversas, uma boa quantidade de falas positivas, divertidas e que destacam a personalidade de Maria Augusta são citadas.

11 Segundo Rejane Magalhães, informação obtida através do depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto “Memória de Rui”, no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

12 Segundo Rejane Magalhães, informação obtida através do depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto “Memória de Rui”, no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

13 O “Projeto Memória de Rui” foi iniciado em 1975 por iniciativa de Américo Jacobina Lacombe, e coletou informações sobre a memória de Rui Barbosa através de depoimentos e entrevista.

Carlos Viana Bandeira (1960), irmão de Maria Augusta, relata sobre a falta de recursos na residência São Clemente. Dona Maria Augusta, considerada por ele como a tesoureira do lar, preferia não incomodar seu marido com esses assuntos. Em determinado dia, tomou uma decisão, chamada por Carlos Viana Bandeira de “heróica”, de penhorar suas joias. Pouco depois, Rui Barbosa voltou a residência com uma quantia do contrato do Amazonas, e Maria Augusta decidiu resgatar suas joias. Rui ficou desesperado “Minha filha, tu a recorrereres a semelhantes recursos sem eu saber...!” (BANDEIRA, 1960: 311).

Antônio Joaquim da Costa, autor do livro *Rui Barbosa na intimidade*, ex-funcionário de Rui Barbosa, ex-zelador e ex-porteiro-conservador do Museu Casa de Rui Barbosa, comenta, a partir de suas vivências na residência, diversos momentos interessantes da privacidade da família. Em um período de piora do estado de saúde de Rui Barbosa, Maria Augusta solicitou que Antônio Joaquim da Costa que fizesse uma ligação para Petrópolis solicitando imediatamente a presença do médico Dr. Correia de Lemos. Já com o médico e sua equipe, Maria Augusta recordou-se de um caso semelhante ao de Rui Barbosa, tratado pelo profissional em questão, onde certa injeção foi aplicada no paciente, que se recuperou brevemente. “Da. Maria Augusta, virando-se para o Dr. Lemos, disse que se responsabilizava pelo que houvesse” (COSTA, 1949: 120). Em seguida, o ex-zelador foi a Drogaria Silva Araújo em busca da injeção. Após a aplicação, Rui Barbosa apresentou significativa melhora.

Sobre as recepções e festas na Casa, Maria Augusta sempre fazia questão de eventos exuberantes, diferente de Rui Barbosa, que, segundo a própria Maria Augusta em entrevista para Francisco de Assis Barbosa “chamava-o de ‘Ruim Barbosa’, pois era rapaz que não gostava de bailes, de festas, de moças” (BARBOSA, 1968: 29 e 30), tal informação é confirmada pelo ex-zelador, dizendo que “Dona Maria Augusta fazia questão de dar sempre uma linda recepção, por ocasião do aniversário do Conselheiro, a 5 de novembro. O Conselheiro reclamava” (COSTA, 1949: 51). Antônio Joaquim da Costa, bem como Luiz Viana Filho, Rejane Magalhães, João Felipe Gonçalves, Américo Jacobina Lacombe e qualquer biógrafo e autor que fale sobre Rui Barbosa, destaca atributos da performance de Maria Augusta – em alguns casos, focando-se mais em características físicas. O empregado de Rui Barbosa comenta que a viu

[...] sentada num sofá de couro, tendo na mão um pequeno livro ou caderno, não me recordo bem. Levantou-se e veio ao meu encontro. Esbelta e de porte elegante, apesar do andar senhoril tinha o passo leve. Era uma grande senhora. Muito criteriosa, não agia com imprudência (COSTA, 1949: 17).

Ainda sobre a performance social – especificamente com os empregados e aqueles responsáveis pelos afazeres domésticos da casa – Maria Augusta sempre demonstrou apreço pelo bem-estar de todos:

Muito se preocupava Da. Maria Augusta com o tratamento de seus empregados. Tinha mesmo o cuidado de recomendar sempre que queria a mesa farta. Quase todos os dias, para melhor observar, descia à sala de almoço dos empregados na hora da refeição. Era sempre recebida com respeito e carinho, porque a sua presença, sempre alegre e risonha, irradiava simpatia (COSTA, 1949: 53 e 54).

O “nobre caráter” também destacado por todos – incluindo Rui Barbosa, que afirmava sua esposa como a âncora de seu coração e caráter (MAGALHÃES, 2013: 5) – é reiterado por Antônio Joaquim da Costa. Rui Barbosa e Hermes da Fonseca divergiram politicamente e acabaram por afastar-se, rompendo também relações sociais, as esposas de ambos igualmente distanciaram-se, mesmo ainda mantendo o carinho anteriormente conquistado. Orsina da Fonseca, esposa de Hermes da Fonseca, encontrava-se gravemente efêmera, diante dessa situação e contrariando as questões políticas de seu marido, Maria Augusta foi visitá-la. Devido a recomendações médicas, elas não puderam se encontrar, mas deixou seu cartão de visitas e retirou-se. Ela, “pondo de lado as convenções sociais, foi confortar a sua antiga amiga, demonstrando nobreza de caráter — seu traço predominante” (COSTA, 1949: 55).

Considerações

A secundarização de Maria Augusta Rui Barbosa, tanto no contexto de vida de Rui Barbosa quanto nos estudos sobre ela, é evidente. As citações anteriormente comentadas são apenas elucidativas e obviamente, carregadas de emoções e retóricas. São palavras de familiares e pessoas próximas que idealizavam e produziam uma certa imagem de Rui Barbosa e Maria Augusta. Para Américo Jacobina Lacombe, “Rui era, acima de tudo, o homem público e sua privacidade só poderia ser publicizada para reforçar a imagem por ele pretendida e, jamais para colocá-la em contradição” (RANGEL, 2015: 162). Em suma, posicionar Maria Augusta como alguém à sombra de Rui Barbosa constitui parte do que se espera da imagem idealizada de Rui Barbosa.

As fontes citadas visam compreender o que acontece entre o público e o privado, mas devem ser analisadas com cuidado, pois demonstram que o que é escrito parte de um ato de escolha, que visa privilegiar um tipo de imagem. No caso de Maria Augusta, a submissão e irrelevância foram delineadas, e agora, através da revisitação das fontes, desmitificadas. Homero Senna, na apresentação do livro de Rejane Magalhães (2013), o já citado *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*, comenta que, das páginas da publicação em questão, emerge “com o porte, a desenvoltura e a distinção de uma grande dama” (p. 5) Maria Augusta, a alma do solar de São Clemente (p. 5). Cabe agora, retomar a relevância dessa mulher para a criação do MCRB.

Referências

AFONSO, Micheli Martins; SERRES, Juliane Primon. “Casa–museu, museu–casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal”. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, novembro de 2014. Disponível em <http://www.eumed.net/rev/cccss/30/casa–museu.html>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ALMEIDA, Álea dos Santos de; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. “A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1–45, 2019.

BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui (1876–1923)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e Cultura, 1960.

BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa Dona Maria Augusta e sua filha Maria Adélia. In: BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.). *Retratos de família*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.

CHRISTENSEN, Kim. "Ideas versus things: the balancing act of interpreting historic house museums". *International Journal of Heritage Studies*, United Kingdom, v. 17, n. 2: 153-168, 2011.

COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na Intimidade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Aposento particular de Rui. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=206&ID_M=200. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Iconografia (Busca: Maria Augusta). Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Museu Casa de Rui Barbosa. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/paracrianças/interna.php?ID_M=6. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Plano museológico Museu Casa de Rui Barbosa: 2018 – 2021 / organização Aparecida Rangel... [et al.]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Quarto do casal. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=207&ID_M=198. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Sala de almoço. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=207&ID_M=199. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Sala de festa. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=205&ID_M=209. Acesso em 27/04/2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Visita virtual ao museu. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=159. Acesso em 27/04/2020.

GLASER, Jane R. "The impact of women on museums – an american seminar". *Museum International Journal*, United Kingdom, v. 43, n. 3: 180–182, 1991.

GONÇALVES, João Felipe Ferreira. *Vida, glória e morte de Rui Barbosa: a construção de um herói nacional*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

HILL, Kate. "Collecting authenticity: domestic, familial, and everyday "old things" in English museums, 1850–1939". *Museum history journal*, United Kingdom, v. 4, n. 2: 203-222, 2011.

Construindo uma trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JORNAL DO COMMERCIO. “Casa Ruy Barbosa: sua inauguração solenne, hoje, a’ tarde”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&PagFis=4653&Pesq=%22Museu%20Ruy%20Barbosa%22. Acesso em 24/06/2020.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. “Memórias de ‘histórias femininas, memórias e experiências’”. *Cadernos Pagu*, n. 8/9: 343-354, 2011.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

POTTER, Gaby. “Gender Bias: Representations of Work in History Museums”. *Continuum: The Australian Journal of Media & Culture*, Australia, v. 3, n. 1, 1990. Edited by the Institute for Cultural Policy Studies, Griffith University. Disponível em: <https://wwwmcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/3.1/Porter.html>. Acesso em 28/06/2020.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza; ALMEIDA, Álea dos Santos de. “Os cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália”. *MIDAS – Museus e estudos interdisciplinares*, Portugal, v. 5, n. 8 (1): 1–15, 2017.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. *Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RUY BARBOSA, João Valentim. Entrevista com João Valentim Rui Barbosa (Boy), neto de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento. [2 de abril, 1979]. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a Claudia Barbosa Reis e Lídia Cordeiro de Oliveira.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

SILVEIRA, Maria Teresa da. *Museu Casa de Rui Barbosa: interpretação, memória e esquecimento*. 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SOUSA, Gabriela Lúcio de. *Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas*, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a nova moda do século dezoito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Leal de. “O governo feminino”. *O Careta*, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1917. Bric-a-brac. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=18168&Pesq=%22O%20governo%20feminino%22>. Acesso em 24/06/2020.

VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Rui Barbosa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 2ª Edição.

WAGMAN–GELLER, Marlene. *Behind Every Great Man: Forgotten Women Behind the World’s Famous and Infamous*. Illinois: Sourcebooks, 2015.